

## AS LEITURAS DE DONA BENTA NAS OBRAS INFANTIS DE MONTEIRO LOBATO

Patrícia Aparecida Beraldo Romano (UNIFESSPA)<sup>1</sup>

**Resumo:** Ao longo de todos os textos infantis de Monteiro Lobato Dona Benta se mostra leitora perspicaz. Sempre fazendo referência a clássicos da literatura universal ou sendo referenciada pelos netos como leitora de algum escritor importante para o conhecimento de determinado assunto, essa personagem parece aguçar a curiosidade leitora, seja a de seus ouvintes na ficção, seus netos com seus bonecos, seja a de seus leitores reais, crianças, jovens e adultos. A proposta é a de verificar como suas leituras contribuíram para a sua formação mediadora ao longo das histórias das quais ela participa direta ou indiretamente.

**Palavras-chave:** Dona Benta; leitura; mediadora de leitura.

O texto que apresentamos pretende desenvolver uma das possibilidades de discussão para a qual nossa tese de doutorado, recentemente defendida, aponta: o estudo da personagem Dona Benta, como mediadora de leitura, na obra infantil de Monteiro Lobato, a partir das leituras que essa avó-mediadora realiza e divulga a seus ouvintes ao longo da saga infantil. Com isso, Dona Benta, leitora eficaz, realiza um processo eficiente e lúdico de mediação de leitura, podendo hoje ser ainda considerada um modelo de leitora e mediadora a ser estudado e entendido, inclusive dentro dos protocolos de leitura contemporâneos.

Nossa proposta de trabalho pressupõe ainda que acreditamos na importância de que os profissionais do ensino devem ser leitores competentes, conhecedores tanto da literatura clássica quanto da literatura popular, para poderem mediar o processo de formação eficaz de jovens leitores.

Investigar como foi a elaboração de Dona Benta, como personagem-leitora-mediadora-eficaz de leitura pode contribuir para mostrar como essa tarefa, quando minimamente executada, contribui para que os professores-mediadores se sintam seguros em seu processo diário de trabalho bem como para a constante atualização de seu repertório de leitura.

Muitas vezes, pode parecer pleonasma falarmos em professor-mediador de leitura. É importante pensarmos, por mais estranho que possa parecer, que nem todo professor é um mediador. Muitos sequer têm proximidade com textos, muito menos com textos

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professora de Literatura Infantojuvenil e Estágio Supervisionado na Graduação e Pós-Graduação do Curso de Letras-Português da UNIFESSPA-Campus Marabá-PA. Contato: paromano@unifesspa.edu.br

literários; outros tiveram uma formação muito pouco voltada para a leitura e podemos falar ainda de uma parcela que não gosta, de forma alguma, de ler. Ezequiel Theodoro da Silva, em capítulo intitulado “O professor leitor”, da obra *Mediação de Leitura*, lembra-nos que:

No Brasil, a formação aligeirada –ou de meia tigela—dos professores, o aviltamento das suas condições de trabalho, o minguado salário e as políticas educacionais caolhas fazem com que os sujeitos do ensino exerçam a profissão sem serem leitores. Ou, então, sejam tão somente leitores pela metade, pseudoleitores, leitores nas horas vagas, leitores mancos, leitores de cabresto e outras coisas assim (SILVA, 2009, p. 23).

Embora o magistério pressuponha um constante trabalho de atualização que se faz através de leituras individuais e silenciosas, são muitas as pesquisas contemporâneas que nos mostram a disparidade entre o que os professores falam e o que fazem. O saber do professor vem de sua vivência e de suas leituras. Se a proximidade do professor com o livro não for estreita, muito provavelmente sua atuação com práticas de leitura estará comprometida. Toda profissão docente, segundo Ezequiel Theodoro da Silva, no mesmo texto acima citado, é lubrificada pelas práticas de leitura:

O professor lê e faz ler seus alunos. O professor lê e provê conteúdos. O professor lê e prevê caminhos. O professor lê e se vê melhor nas suas caminhadas. O professor lê e se reconstrói nas experiências. O professor lê e se revitaliza incessantemente (SILVA, 2009, p. 28).

Em mesa-redonda publicada em forma de texto a partir do 2º Conversas ao pé da página, em 2012, Marisa Lajolo nos lembra: “Os livros são comprados, os livros chegam às escolas e os livros não são lidos” (GARRALÓN, TURIN, LAJOLO, 2013, p. 141). Os livros não são lidos porque faltam profissionais competentes para levar o livro até o leitor, para introduzir o leitor nas bibliotecas e lhes mostrar o que há lá de bom a ser descoberto e lido. A estudiosa continua:

O que quer que queiramos que outra pessoa faça, seja aprender a fazer um bolo ou aprender a gostar de ler, é preciso que quem ensine, goste de fazer bolo ou goste de ler. Isso é básico! E voltando a falar do caso brasileiro, não acredito que atualmente o prazer da leitura, para grande parte dos educadores ou mediadores, e por diferentes razões, seja nada além de uma palavra de ordem, assim como o horário da escola, o nome das disciplinas ou porque está na moda dizer que ler é bom, ou “todos pela leitura” (GARRALÓN, TURIN, LAJOLO, 2013, p. 141).

Alguns dos motivos pelos quais nossos profissionais se veem pouco envolvidos com essa atividade são a formação nem sempre eficiente que a maioria dos cursos

formadores proporciona, a realidade pessoal de cada um, que não foi a de leitor, em algumas situações, e o pouco interesse, motivado por muitas questões, dentre elas, salário insatisfatório e carga horária de trabalho excessiva.

Parece ser tradição no Brasil não se investir na formação de pessoas. E talvez essa atitude não se manifeste apenas na formação de professores por ser corrente achar que a leitura não muda a vida de ninguém, que se trata de algo destinado a alguns privilegiados. Temos aqui uma ideia a ser repensada já que um bom leitor é, na maioria das vezes, um cidadão consciente de seus deveres e direitos. É, além disso, e o que muito importa, alguém com poder.

São nessas ideias que se concentram nossos esforços para esmiuçar, em toda a obra infantil de Lobato, os textos que formaram a avó-mediadora-eficiente de leitura e, a partir, deles, tentarmos compreender melhor como essas leituras foram de fundamental importância para a tarefa de mediação executada por Dona Benta em praticamente todas as obras de que ela participa. Poderemos, finalmente, tecer algumas considerações comparativas com a formação dos profissionais do ensino atualmente.

Dona Benta e sua formação leitora transformou-se em dois projetos de pesquisa. O primeiro deles teve início em 2017 e se estendeu até julho de 2018, com financiamento de bolsa PIBIC/FAPESPA. Nele, desenvolvemos a leitura de todas as obras consideradas “didáticas”<sup>2</sup>, a saber: *História da Mundo para crianças* (1933), *História das Invenções* (1935), *Geografia de Dona Benta* (1935), *O Poço do Visconde* (1937), *Serões de Dona Benta* (1937). Também acrescentamos a esse projeto algumas obras consideradas “literárias”, de acordo ainda com Penteado (1997): *Aventuras de Hans Staden* (1927), *Fábulas* (1928), *Emília no País da Gramática* (1934), *Aritmética da Emília* (1935), *Histórias de Tia Nastácia* (1937), *Os Doze Trabalhos de Hércules* (1944).

O segundo projeto aguarda liberação de verbas da agência financiadora (PIBIC/FAPESPA) para ter início ainda em 2018 e nele serão levantadas as leituras de Dona Benta nas demais obras infantis a saber: *O Saci* (1921), *A Menina do Narizinho Arrebitado* (1921), *Reinações de Narizinho* (1931), *Peter Pan* (1930), *Viagem ao Céu* (1932), *Caçadas de Pedrinho* (1933), *Memórias da Emília* (1936), *Dom Quixote das*

---

<sup>2</sup> Whitaker Penteado (1997) utiliza a classificação que, de acordo com suas palavras, pertencem a Maria Zinda de Vasconcelos para algumas obras infantis lobatianas, cujo teor é o de apresentar determinados conteúdos como ciência, geografia e história.

*Crianças* (1936), *O Picapau Amarelo* (1939), *A Reforma da Natureza* (1941), *A Chave do Tamanho* (1942) e *Histórias Diversas* (1947). Dessa forma, apresentaremos, a seguir, os resultados já obtidos com as leituras realizadas no primeiro projeto, cujo título inicial contemplava apenas as obras infantis “didáticas”, tendo em vista que as literárias foram acrescentadas *a posteriori* em virtude da prorrogação das bolsas do projeto. Trata-se do projeto: “As leituras de Dona Benta nas obras infantis de Monteiro Lobato: obras consideradas didáticas”.

A metodologia do projeto em questão é quantitativa e qualitativa, pois procuramos investigar quais autores ou livros Dona Benta diz ter lido ou mesmo sugere que leu através de comentários que tece para seus ouvintes. Na sequência, queremos avaliar o quanto essas leituras se revelam importantes na formação mediadora da personagem.

A seguir, apresentamos os resultados que encontramos até o presente momento nas obras do primeiro projeto (autores, obras, artistas, cientistas e demais autores e obras):

**1 *História do mundo para as crianças* (1933):** V. M. Hillyer (*Child’s History of the World*), inúmeros deuses e heróis greco-latinos (Zeus, Hércules, Hera, Posseidon, Vulcano, Apolo, Diana, Marte, Mercúrio, Atena, Afrodite, Deméter, Plutão, Vesta, Três Parcas, Três Graças, Nove Musas) , Homero (*Iliada*, *Odisséia*), , “Davi e Golias” (Salmos), deuses fenícios (Baal e Moloc), Flaubert (*Salambô*), Sholem Asch (*O Nazareno*), História de Rômulo e Remo, Lord Byron (*A destruição de Senaqueribe*), Joaquim Nabuco, História da Babilônia, Zoroastro, Rei Creso, Gandhi, Confúcio, Drácon (*O código de Drácon*), os reis de Roma, História da Jesus, *As Mil e uma noites*, História de Robin Hood, História do descobrimento da América e do Brasil, *Aventuras de Hans Staden*, obra *Davi*, de Michelangelo, História da Capela Sistina, A reforma Religiosa, Horácio (*Odes*), Virgílio (*Eneida*), Alexandre Dumas, Marco Polo (*As viagens de Marco Polo*), Camões (*Os Lusíadas*), Lewis Carrol (*Alice no país das maravilhas*), Shakespeare (*Romeu e Julieta*, *Hamlet*, *O mercador de Veneza*, *o Rei Lear*, *Otelo*), Miguel de Cervantes (*Dom Quixote*), Pintores (Velásquez, Murilo, Zurbarán, El Greco, Sorolla, Zuloaga, Cubells, Voltaire, *Declaração dos direitos dos homens*, Haendel, Bach, Mozart, Beethoven Lope de Veja, Calderón de La Barca, História de Florence Nigthingale, História de José e Anita Garibaldi, Jaime Watt, Tomás Edison, Santos Dumont, Irmãos Wright.

**2 *História das Invenções*** (1935): Hendrik Van Loon (*História das Invenções do Homem, o fazedor de milagres*), Nicolau Copérnico, Astrônomo Michelson, Shakespeare, Miguel Ângelo, Edison (Thomas), Santos Dumont, James Watt, Tales de Mileto, Faraday (sábio inglês), Della Porta e Giovanni Branca (italianos), Marquês de Worcester, Fisk (americano), Carlos Magno, Stephenson, Spencer (filósofo inglês), Roberto Fulton (americano), Leonardo da Vinci, Bartolomeu de Gusmão, Montgolfier, Irmãos Wright, Bleriot (francês), Conde Zeppelin (sábio alemão), Maomé, Hertz (alemão), Marconi (italiano inventor do telégrafo sem fio), Alexandre Graham Bell, Enciclopédia Britânica, “Gata Borracheira”, “Cinderela”, Rogério Bacon, Galileu, Heródoto, Homero, Leo Vaz (*Professor Jeremias*).

**3 *Serões de Dona Benta*** (1937): William Beebe, Anatole France, o filósofo inglês Herbert Spencer, Antoine Lavoisier, J. M. Berrie (*Peter Pan*), Camões (*Os Lusíadas*), sábio inglês David Humphrey, Robert Fulton, Galileu Galilei, Flammarion, astrônomo americano Slipher, astrônomo Tombough.

**4 *O Poço do Visconde*** (1937): Alex Carrel (*Man the Unknown*), *História de Jó (Bíblia)*, Victor Hugo.

**5 *Geografia de Dona Benta*** (1935): Lei da Gravitação, de Newton, Júlio Verne (*A volta ao mundo em 80 dias*), Rodolpho Theophilo (*A fome*), Euclides da Cunha (*Os Sertões*), Jack London, Mark Twain (*As aventuras de Huckleberry Finn*), Herman Melville (*Moby Dick*), Confúcio, Camões (*Os Lusíadas*), Rudyard Kipling (*The Jungle Book*), filósofo Bertrand Russell, Confúcio, Quinto Hórcio Flanco, Castro Alves (*Vozes d’África*), Lord Byron, Hippolyte Taine, Alexandre Dumas (*O conde de Monte Cristo*), Hans Christian Andersen.

**6 *Histórias de Tia Nastácia*** (1937): Sílvio Romero, José de Alencar (*O Guarani*), Oscar Wilde (*Príncipe Feliz*), Ludovico Ariosto (*Orlando Furioso*), Homero (*Iliada e Odisséia*), Kipling (*Mowgli, o menino lobo*), Hans Christian Andersen (*Hensel e Gretel*), Carrol, Charles Perrault (*Contos de fadas*).

**7 *Os 12 Trabalhos de Hércules*** (1944): Anatole France, Pedrinho cita *Orlando Furioso* referenciando a edição de luxo de Dona Benta, Emília cita Penélope avisando que Dona Benta contou a história dessa personagem.

**8 *Fábulas*** (1928): Maurice Maeterlinck (*A vida das formigas*), William Shakespeare, La Fontaine (“O lobo e o cordeiro”), Confúcio, Bocage.

**9 *Aventuras de Hans Staden*** (1927): Charles Darwin (*Viagem ao redor do mundo*), Camões (*Os Lusíadas*).

**10 *Emília no país da gramática* (1934): sem referências.**

**11 *Aritmética da Emília* (1935): Malba Tahan (*O homem que calculava*).**

Pudemos perceber, num primeiro momento, a repetição de Homero, Shakeaspere e Camões, como autores que muito figuram na voz de Dona Benta. Eles nos sugerem a proximidade de Lobato/Dona Benta com os clássicos universais. É muito comum Dona Benta citar ou mesmo fazer referência a clássicos universais em várias obras infantis. Sabemos que Lobato teve uma vasta leitura de clássicos. Temos a seguir, três excertos de *A Barca de Gleyre* em que Lobato faz referência não só a essas obras, mas também a algumas traduções e adaptações delas. A primeira é de 25/02/1908, quando o escritor estava, ainda, muito longe de ser o Lobato das crianças. A segunda não é datada, mas foi enviada entre maio e junho de 1921; a terceira data de 17/06/1921, todas destinadas a Godofredo Rangel. Vejamos:

Este mês de fevereiro foi o mês de Homero. Li a *Iliada* e a *Odisséia*. Estou recheado de formas gregas, bêbado de beleza apolínea. Maravilhoso cinema, Homero! Gostei muito mais da *Odisséia*. A *Iliada* peca pelo inevitável monótono do tema –a guerra, ou, antes, o combate. De começo a fim, gregos e troianos a morrerem como insetos, enquanto lá no Olimpo os divinos pândegos puxam os cordéis e intrigam. Diomedes, Ajax, Aquiles, Heitor, Sarpedon racham crânios, estripam ventres, fendem ombros, decepam cabeças, amolgam capacetes, rompem escudos, tomados de uma horrível bebedeira de sangue. Aquiles é uma beleza. Páris, outra, mas de outro gênero. Já na *Odisséia* o assunto é caleidoscópico e sempre empolgante. Lê-se tudo aquilo como um romance de Maupassant. Penélope é ótima. Ulisses, um divino pirata. A descida aos “campos de asfodelos”, deixa ver a origem da *Divina Comédia*.

Finda a leitura, pus-me a pensar no quanto Homero influenciou e influencia ainda hoje o pensamento ocidental. Na linguagem corrente, quanto Homero, meu Deus! “Fulano é o meu mentor”, “o teu calcanhar de Aquiles”, “o astuto como Ulisses”, a “teia de Penélope”, os “encantamentos de Circe”, “entre Cila e Caribdes” (LOBATO, 1956a, p. 209).

Recebi *Tempestade*. Vai traduzindo os outros contos sheakespeareanos, em linguagem bem simples, sempre na ordem direta e com toda a liberdade. Não te amarres ao original em matéria de forma –só em matéria de fundo. Quanto ao *Dom Quixote*, vou ver se acho a edição de Jansen (LOBATO, 1956b, p. 232)

Quem sabe pode e quer você empreitar um serviço de que precisamos? Pretendemos lançar uma série de livros para crianças, como Gulliver, Robinson, etc, os clássicos e vamos nos guiar por umas edições do

velho Laemmert, organizadas por Jansen Müller. Quero a mesma coisa, porém com mais leveza e graça de língua (LOBATO, 1956b, p. 233)

Temos nesses três excertos marcas de que o escritor da saga infantil era assíduo frequentador dos clássicos e envolvido, como editor, na adaptação de muitos deles para o público mais jovem. Percebemos ainda que havia uma preocupação primeira com a linguagem que seria usada para vertê-la para o português para um público bastante exigente e pouco valorizado até então, o público infantojuvenil. Lobato quer textos que fluam com mais facilidade e com “leveza e graça de língua”. Parece que tais exigências passaram a ser cumpridas por Dona Benta, que ao ser leitora assídua desses clássicos consegue recontá-los com tal leveza a ponto de seduzir seus pequenos ouvintes para se interessarem pelo texto quando forem leitores mais críticos. Proposta essa que parece ir ao encontro de um possível projeto de leitura que encontraremos bastante delineado na leitura de *Dom Quixote das Crianças*.

Também lembramos que Dona Benta talvez possa ser vista como um *alter-ego* de Lobato, já que além do nome (Benta/José Bento Monteiro Lobato) eles compartilham da paixão por textos clássicos e literários. Desse modo, a mediação leitora de Dona Benta, em forma de “água de pote”, como sugeria Lobato que deveria ser o estilo das traduções para crianças e jovens, parece ser executada pela avó-leitora-mediadora. Diria Lobato a Rangel, em carta de 11/01/1925: “Traduzirás uns três, a escolha, e vos mandarás com o original; quero aproveitar as gravuras. Estilo água de pote, hein? [...] Pobres crianças brasileiras! Que traduções galegas! Temos de refazer tudo isso – abrigar a linguagem” (LOBATO, 1956,b, p. 275).

Essa marca que Lobato quis imprimir em suas traduções/adaptações infantis parece que foi executada por Dona Benta, já que em *Reinações de Narizinho* (1931), temos:

-Leia da sua moda vovó! –pediu Narizinho.  
A moda de Dona Benta ler era boa. Lia “diferente” dos livros. Como quase todos os livros para crianças que há no Brasil são muito sem graça, cheios dos termos do tempo da onça ou só usados em Portugal, a boa velha lia traduzindo aquele português de defunto em língua do Brasil de hoje. Onde estava por exemplo “lume”, lia “fogo”; onde estava “lareira” lia “varanda”. E sempre que dava com um “botou-o” ou “comeu-o”, lia “botou ele”, “comeu ele” – e ficava o dobro mais interessante (LOBATO, 1977c, p. 102)

Sendo assim, Dona Benta, leitora de clássicos literários e demais textos executa seu papel mediador ao dialogar, na linguagem que atinge o jovem leitor, sobre literatura

eternamente importante para a formação humana dos pequenos leitores e também por dialogar com textos contemporâneos seus (como é o caso de Leo, Vaz, com a obra *Professor Jeremias*, citado em *História das Invenções* e cuja obra foi editada pelo próprio Lobato), produzidos no momento em que ocorrem as ações das personagens, permitindo que, desse conjunto de textos literários, nasça a curiosidade do ouvinte por conhecer outros textos literários ou mesmo outros autores, indo ao encontro do que nos aponta Perrone-Moisés (1990):

[...]a literatura se produz num constante diálogo de textos, por retomada, empréstimos e trocas. A literatura nasce da literatura: cada uma nova é uma continuação, por consentimento ou contestação, das obras anteriores, dos gêneros e temas já existentes. Escrever é, pois, dialogar com a literatura, anterior e com a contemporânea (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 94).

O levantamento realizado até agora bem como o que será feito a partir do próximo projeto, cotejados com o que Lobato teria lido, a partir da obra *A Barca de Gleyre*, poderá nos auxiliar a criar a imagem de Dona Benta: avó, leitora e mediadora eficaz de leitura que tem encantado jovens leitores há quase um século e que continua ainda atual no seu processo de, ludicamente, falar sobre clássicos universais e sobre qualquer tipo de conhecimento a partir dos seus conhecimentos prévios sobre textos literários e de forma geral.

## Referências

GARRALÓN, Ana; TURIN, Joële; LAJOLO, Marisa. Permanências, mudanças e transformações In PRADES, Dolores, LEITE, Patrícia Pereira. *Crianças e Jovens no século XXI: leitores e leituras*. São Paulo: Livros da Matriz, 2013 (Conversas ao pé da página).

LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1956a, 1º tomo.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. São Paulo: Brasiliense, 1956b, 2º tomo.

\_\_\_\_\_. *Fábulas*. (Ilustrações de André Le Blanc). 18 ed. São Paulo: Brasiliense, 1958.

\_\_\_\_\_. *Reinações de Narizinho*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1977, vol. 1.

\_\_\_\_\_. *Geografia de Dona Benta*. (Ilustrações de André Le Blanc). 10 ed. São Paulo: Brasiliense, 1958.

\_\_\_\_\_. *O Poço do Visconde*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1977, vol. 4.

- \_\_\_\_\_. *História do mundo para as crianças*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1977, vol. 8.
- \_\_\_\_\_. *Emília no País da Gramática*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1977, vol.4.
- \_\_\_\_\_. *Histórias de Tia Nastácia*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1977, vol.3.
- \_\_\_\_\_. *História das Invenções*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1977, vol.8.
- \_\_\_\_\_. *Os Doze Trabalhos de Hércules*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1977, vol. 7.
- \_\_\_\_\_. *Aritmética da Emília*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1977, vol. 4.
- \_\_\_\_\_. *Serões de Dona Benta*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1977, vol. 5.
- \_\_\_\_\_. *Fábulas*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1977, vol. 3.
- \_\_\_\_\_. *Aventuras de Hans Staden*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1977, vol. 5.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. “Literatura comparada, intertexto e antropofagia” in *Flores da escrivaniha: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. “O professor leitor” in SANTOS, Fabiano dos; Marques Neto, José Castilho; RÖSING, Tania M. K.(org.). *Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009.